



## OPINIÃO ECONÔMICA

FÁBIO BARBOSA

# É hora de enriquecer

**P**recisamos enriquecer antes de envelhecer. Entre todos os grandes desafios que enfrentamos, esse é um dos mais relevantes neste momento do Brasil. Estamos diante de uma situação que se apresenta apenas uma vez na história de cada nação moderna. Independentemente de nossas vantagens competitivas — algumas recentes, como a estabilidade política e econômica e o pré-sal, e outras nem tanto, como o potencial agrícola — talvez uma das maiores oportunidades de nossas vidas já tenha se apresentado: o bônus demográfico.

A diferença é que esse bônus é uma oportunidade que vem, mas passa. Em termos de crescimento econômico e amadurecimento, os países têm uma dinâmica parecida com a das pessoas. É preciso aproveitar o auge da capacidade produtiva para acumular riqueza e ter uma velhice tranquila.

O Brasil passa atualmente por uma mudança na estrutura etária. Há um percentual cada vez maior da população em idade de trabalho, mas ainda não temos o ônus financeiro dos países que passam por crescimento na idade média da sua população. Em duas décadas, a curva se inverterá por aqui e teremos uma proporção maior de inativos.

Vários países já passaram pelo bônus demográfico. Alguns como Alemanha, Japão e Suécia, entre tantos outros, conseguiram elevar sua renda e criar uma reserva para enfrentar a reversão da curva.

Outros não enriqueceram tanto, como Grécia e Portugal. A China vive o seu momento agora — e tem tirado ótimo proveito.

No caso do Brasil, portanto, a questão a se analisar não é somente se estamos crescendo, mas se estamos crescendo no ritmo necessário e assim nos preparando para o período que virá a seguir.

Em entrevista recente para a revista "Exame", o americano Robert Lee, do Departamento de Demografia e Economia da Universidade da Califórnia em Berkeley, chama a atenção para o fato de que as aposentadorias no Brasil já custam, como proporção do PIB, duas vezes mais do que nos Estados Unidos. E a população idosa brasileira ainda é metade da americana...

Os analistas mostram a toda hora que um dos gargalos do nosso crescimento é o baixo nível de poupança. Um estudo do Banco Mundial mostra que a renda média de um indivíduo atinge seu pico justamente entre os 24 e os 60 anos e, como o seu consumo não cresce no mesmo ritmo, sua capacidade de poupar aumenta substancialmente. Essa dinâmica reforça a poupança doméstica do

país e seu potencial de crescimento. Não tem sido o nosso caso.

Os números de crescimento do Brasil são bons, estamos distribuindo renda e isso nos dá orgulho. Mas não basta.

Precisamos garantir que estamos tirando proveito e fazendo os investimentos corretos que nos farão uma sociedade preparada para momentos demográficos menos favoráveis.

O custo por eventualmente es-

demográfico (diversas projeções mostram que o sistema ficará insustentável no futuro).

Mas há outras tantas coisas a serem feitas, como reformas, investimentos em infraestrutura e, principalmente, em educação.

Mantendo a linha que tenho defendido neste e em outros espaços: a solução passa pelo governo, e precisamos usar todos os meios para pressioná-lo, mas passa também pelas atitudes de cada um.



**É preciso aproveitar o auge da capacidade produtiva para acumular riqueza e ter uma velhice tranquila**

tarmos crescendo a um ritmo menor do que precisaríamos só será sentido dentro de algumas décadas. Isso aumenta nossa responsabilidade, até porque não serão estranhos que estarão aqui, e sim nossos filhos e nossos netos. Certamente não queremos carregar a culpa de não termos feito — quando podíamos — os ajustes que a economia precisava.

Acertar a questão da Previdência Social é a mais diretamente relacionada aos tempos de bônus

Poupar e planejar para a aposentadoria futura é responsabilidade de todos. Se cada um fizer sua parte, governo e sociedade civil, deixaremos um ônus muito menor para os nossos filhos.

A hora de enriquecer com sabedoria é agora, mas o que estamos fazendo ainda é pouco.

FÁBIO COLLETTI BARBOSA, administrador de empresas, é presidente do conselho de administração do Banco Santander.